

Economia - Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

Comitê de Política Monetária, na ata da reunião que reduziu juros a 17,5% ao ano, ignora o fraco desempenho da economia

232

BC distante da realidade

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), na qual a taxa básica de juros (Selic) caiu de 19,5% para 17,5% ao ano, mostrou um Banco Central bem distante da realidade do país. Enquanto o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) explicita que a economia brasileira está no chão, com queda acumulada de 0,3% nos nove primeiros meses do ano, o Comitê traça um quadro bastante otimista para a economia. Nos 57 pontos listados pelo Copom para explicar as justificativas do corte de 1,5 ponto percentual na Selic na semana passada, são mínimas as ressalvas sobre o ritmo lento da economia e seus efeitos perversos para a população.

O ponto mais gritante para ressaltar o distanciamento do Copom da economia real foi a divisão entre os nove diretores do BC na hora de decidirem sobre o tamanho da queda na Selic. Dois deles queriam que a taxa básica caísse apenas 1 ponto percentual. Como se os juros altos não fossem a principal razão para o decepcionante desempenho do PIB. "O Copom tem sido muito conservador e o preço pago pelo país é demasiadamente elevado", reclama, Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor da Dívida Pública do BC. "Para que a reação da

economia fosse mais forte, os juros tinham que ter caído mais rápido", reforça Marcelo Ávila, economista-chefe da Consultoria Global Station.

“

**O COPOM
TEM SIDO MUITO
CONSERVADOR E
O PREÇO PAGO
PELO PAÍS É
DEMASIADAMENTE
ELEVADO**

”

*Carlos Thadeu de Freitas
Gomes, ex-diretor da Dívida
Pública do BC*

Apesar de o IBGE ter divulgado ontem que a renda do trabalhador acumulou queda de 15,2% nos 12 meses terminados em outubro e o desemprego atingiu 12,9%, o Copom previu, em sua ata, a consolidação da trajetória de recuperação do consumo ao longo dos próximos meses, devido às melhoras das condições de crédito, da recuperação progressiva da renda real e do mercado de trabalho. O Co-

pom, no seu otimismo, destacou ainda a recuperação dos investimentos no setor produtivo e das compras de materiais de construção. Esse setor, segundo o IBGE, está em profunda recessão.

Conservadorismo

O problema desse otimismo do Copom é que ele leva a decisões conservadoras demais. Sob a justificativa de que um corte mais ousado na Selic poderia trazer de volta a ameaça da inflação, os juros caem lentamente, impedindo que a reativação na economia se dê de forma mais consistente. Segundo o próprio Comitê, não há riscos de inflação nos próximos meses. Tanto que as projeções para 2004 apontam para um índice abaixo da meta de 5,5% fixada pelo governo. "Por isso, não é apropriado a volta do conservadorismo exacerbado. Em dezembro, a Selic não pode cair somente 0,5 ponto", disse Ávila.

Para reduzir as pressões da economia real, que gera renda e emprego, o Copom já deu o recado no item 23 de sua ata. Os cortes efetuados na Selic desde junho ainda não repercutiram integralmente na economia. Há, segundo os diretores do BC que integram o Comitê, "incertezas importantes quanto à magnitude e à defasagem dos efeitos da política monetária sobre a economia". Ou seja, se depender do Copom, o PIB vai continuar patinando por um bom tempo. E, por tabela, a renda continuará retraída e o desemprego, em alta.

233